

UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
FACULDADE DE LETRAS

# FICHEIRO EPIGRÁFICO

(Suplemento de «Conimbriga»)

112

INSCRIÇÕES 483-485



DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA, ESTUDOS EUROPEUS, ARQUEOLOGIA E ARTES  
SECÇÃO | INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA

2013

ISSN 0870-2004

*FICHEIRO EPIGRÁFICO é um suplemento da revista CONIMBRIGA, destinado a divulgar inscrições romanas inéditas de toda a Península Ibérica, que começou a publicar-se em 1982.*

*Dos fascículos 1 a 66, inclusive, fez-se um CD-ROM, no âmbito do Projecto de Culture 2000 intitulado VBI ERAT LVPA, com a colaboração da Universidade de Alcalá de Henares. A partir do fascículo 65, os volumes estão disponíveis no endereço [http://www.uc.pt/fluc/iarq/documentos\\_index/ficheiro](http://www.uc.pt/fluc/iarq/documentos_index/ficheiro).*

*Publica-se em fascículos de 16 páginas, cuja periodicidade depende da frequência com que forem recebidos os textos. As inscrições são numeradas de forma contínua, de modo a facilitar a preparação de índices, que são publicados no termo de cada série de dez fascículos.*

*Cada «ficha» deverá conter indicação, o mais pormenorizada possível, das condições do achado e do actual paradeiro da peça. Far-se-á uma descrição completa do monumento, a leitura interpretada da inscrição e o respectivo comentário paleográfico. Será bem-vindo um comentário de integração histórico-onomástica, ainda que breve.*

*Toda a colaboração deve ser dirigida a:*

Instituto de Arqueologia  
Secção de Arqueologia | Departamento de História, Estudos Europeus, Arqueologia e Artes  
Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra  
Palácio de Sub-Ripas  
P-3000-395 COIMBRA

*A publicação deste fascículo só foi possível graças ao patrocínio de:*



INSCRIÇÃO FUNERÁRIA ROMANA NAS MURALHAS DE  
BEJA  
(*Conventus Pacensis*)

No decurso da intervenção arqueológica realizada entre Julho e Agosto de 2004, no âmbito do projecto *Parque de Estacionamento e Área de Jardim Público da Rua D. Manuel I – Bejapolis Programa de Requalificação Urbana da Rua D. Manuel I – Beja*, da responsabilidade da DEGEBE – Associação de Valorização do Património Cultural, sob a direcção científica de Miguel Serra, da empresa Palimpsesto, Lda., foi detectada uma epígrafe embutida num torreão das muralhas medievais da cidade de Beja (FIG. 1).

A epígrafe encontrava-se reutilizada como material de construção no aparelho exterior do torreão sul junto ao Parque de Estacionamento da Rua D. Manuel I, numa zona não abrangida pelo projecto de intervenção realizado neste local. Na mesma área é possível observar, aliás, outros elementos de época romana reaproveitados, como blocos de *opus caementicium* ou um fragmento de fuste de coluna gabro diorítico.<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> Poderá parecer estranho que a epígrafe não tenha sido detectada antes, nomeadamente por Abel Viana que observou inúmeros materiais reutilizados nas muralhas de Beja. É que até aos trabalhos da Beja Polis nesta zona, o local foi pouco acessível e a parede do torreão onde se encontra a epígrafe estava totalmente rebocada, cobrindo a referida peça. Ainda se observam restos de reboco junto da epígrafe.

Acede-se ao local através da porta aberta numa parede acrescentada às muralhas em época contemporânea, formando um pequeno quintal junto ao torreão mencionado.

Trata-se do fragmento (a parte esquerda) do campo epigráfico, mui provavelmente, de uma placa funerária, de mármore de Trigaches.<sup>2</sup> A moldura é do tipo garganta encastrada seguida de ranhura. Um toro arredondado e liso definirá o limite da epígrafe (FIG. 2).

Dimensões: (32) x (22) x (20).<sup>3</sup>

Campo epigráfico: (29) x (18).<sup>4</sup>

Letras: 4,8.

Na l. 1, temos o início da usual consagração aos deuses Manes. Há, porém, um largo espaço ‘em branco’ até ao M, que ocuparia, verosimilmente, o centro da epígrafe. Aliás, é até bem provável que a fractura haja ocorrido precisamente na primeira perna desse M; de facto, apesar de não ser possível captar na foto, essa hipótese parece viável, pois se nota, ao tacto, um ligeiro sulco mais polido na zona de fractura. Por conseguinte, é de supor, na l. 2, a identificação da defunta<sup>5</sup> a começar em CAS e a terminar em CIA. A hipótese *Cas[sia]* afigura-se-nos verosímil,<sup>6</sup> mau grado a fractura (como a

---

<sup>2</sup> Apesar de Susana Correia logo nos ter escrito, a 5 de Agosto de 2004, «parece-me ser lisa (e por isso não deve ser um fragmento de cupa)», puséramos a hipótese contrária, uma vez que, numa primeira observação, se nos afigurar possível estarmos perante os dois toros a representar os aros das aduelas que habitualmente limitam lateralmente os textos das cupas de *Pax Iulia*. O campo epigráfico apresenta-se, porém, liso, o que não se coaduna com epígrafe exarada no dorso de cupa.

<sup>3</sup> Por estar incrustada, não foi possível medir a espessura na totalidade.

<sup>4</sup> A epígrafe está partida na parte inferior junto à base do H; a largura foi medida desde o início da moldura até onde está partida do lado direito.

<sup>5</sup> Sugerimos o feminino não apenas pela terminação *-cia* da linha seguinte, mas também por não haver *praenomen*. Se estivéssemos, porém, em presença de um nome único, esta hipótese cairia por terra.

<sup>6</sup> Temos, por exemplo, *Q. Cassius Vettonianus Pacensis* (IRCP 248) documentado numa ara guardada no Museu Regional.

fotografia mostra) não permitir ajuizar da existência de algum resquício do segundo S, que decerto desapareceu na totalidade. Atendendo ao que se disse acerca da espaçamento da l. 1, poder-se-ia supor, a seguir, a indicação do patronímico (duas siglas separadas por pontos); contudo, ficava pouco espaço para se reconstituir o começo do *cognomen*. Terminado em *-cia* e atendo-nos aos testemunhos do *conventus Pacensis* (critério que, obviamente, assumimos ser discutível), a nossa opção seria [*Patri*]cia, que se documenta como nome único em IRCP 247, por exemplo, e que é *cognomen* assaz representado na Península.<sup>7</sup> E optaríamos, nesse caso, por não haver indicação do patronímico, dada a evidente falta de espaço e por uma outra razão: é que se corre sério risco de estarmos perante o epitáfio de uma liberta, que só se identifica com dois nomes. *Cassia* e *Patricia*, apesar de hipotéticos, quadram bem à onomástica local, pois são antropónimos de cariz latino ‘clássico’, como o são os da maioria dos romanos documentados na epigrafia de *Pax Iulia*.

Falta-nos, porém, completar a l. 3. Na l. 4, lê-se, claramente, um H (apesar do desgaste ao nível da haste esquerda), com a barra visível, e a parte superior do S; será a fórmula final, a ser completada, naturalmente, pelo voto do costume. Portanto, para a l. 3, há duas hipóteses, de acordo com os hábitos epigráficos locais: a menção do dedicante, identificado por um nome ou pelo grau de parentesco, seguido da sigla *P(osuit)* ou a menção da idade. Sendo a menção da idade, poderia pensar-se numa eventual l. 5, em que viria, então, a identificação do dedicante; mas as medidas de que dispomos, confrontadas com o que é corrente na epigrafia pacense, sugerem-nos que uma l. 5 dificilmente existiria.

---

<sup>7</sup> Iiro Kajanto (*The Latin Cognomina*, Roma, 1982, p. 313) indica que, no conjunto do CIL, há na Península Ibérica 8 dos 20 testemunhos que registou. Só na Lusitânia, a darmos crédito à investigação feita para o *Atlas Antroponímico de la Lusitania Romana*, coordenado por Milagros Navarro Caballero e José Luís Ramírez Sádaba (Mérida / Bordéus, 2003), o mapa 225 (p. 258) mostra 10 testemunhos, dos quais três em Mérida e três na Quinta de Marim.

Sintetizando, pois, o resultado das nossas reflexões, apresentamos a seguinte proposta de interpretação:

D(is) M(anibus) [S(acrum)] / CAS[SIA? · PATRI?]/CIA ·  
[ANN(orum) ...][?]/ H(ic) · S(ita) · [E(st) · S(it) · T(ibi) · T(erra)  
· L(evis)] / <sup>s</sup> [...] ?

*Consagrado aos deuses Manes. Aqui jaz Cássia (?) Patrícia  
(?), de ... anos (?). Que a terra te seja leve.*

O texto – pelo que dele se pode ver – foi paginado seguindo alinhamento à esquerda, com a fórmula inicial disposta segundo o eixo de simetria.

Os caracteres são actuários: D de pança avantajada; C oblongo, a denotar tendência para seguir a horizontal na parte superior e inferior; A aberto, de barra fina e vértices sublinhados, de *ductus* levemente inclinado para trás; S simétrico, mas oblongo (a assemelhar-se a Z).

Apenas dispomos destes poucos caracteres, pelo que é ainda mais hipotético do que o habitual propor uma datação com base na paleografia. Atendendo a que apresenta características formais semelhantes a outros monumentos da cidade, também apontaríamos, no entanto, para uma datação da 2ª metade do século II da nossa era.

JOSÉ D'ENCARNAÇÃO  
MIGUEL SERRA



1



2

483